



DOSSIÊ
**Bibliotecas escolares,
mídias digitais e a formação
do leitor**

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, ao pegar esta revista em mãos ou acessar sua página na internet, imediatamente perceberá de qual assunto tratará este volume. Evidentemente, como leitor experiente que é, a hipótese construída será confirmada. Apenas a reproduzo para sua constatação. O dossiê *Bibliotecas escolares, mídias digitais e formação do leitor* discute a presença do ato de ler em diferentes contextos escolares e não escolares, fundamentalmente apoiado em três eixos temáticos: a) a biblioteca escolar como lugar privilegiado de circulação de materiais de leitura e de leitores; b) o uso de novos suportes digitais como notebooks, tablets, computadores e as habilidades, comportamentos e atitudes que estes aparelhos exigem; c) a formação do leitor, aluno ou professor, em face das condições cotidianas da vida escolar e da social.

Entretanto, devido à natureza complexa da discussão que aqui se apresenta, você poderá traçar um percurso pessoal e labiríntico e, assim, adentrar intimamente no coração de cada autor, para iniciar um diálogo mais profundo, porque já conhece ou pretende conhecer diferentes nuances e contradições relacionadas às questões suscitadas pelo tema.

Devo alertá-lo, no entanto, que a tessitura das vozes que se apresentam neste conjunto de textos produz sons que se repetem e, portanto, se confirmam, se complementam, e que por vezes atingem ora o mais grave dos sons, ora o mais agudo. Os autores conseguem se articular sem esforço de modo que o timbre sai com a qualidade necessária para chegar às profundezas de sua reflexão. Adentro-me neste coral.

Quando a biblioteca escolar para alunos e professores tomará seu lugar?

Eu chocaria sem dúvida muitos de meus amigos mais jovens explicando-lhes que gosto de ler na biblioteca, e mesmo consultar aí um catálogo vagando “preguiçosamente” entre os nomes de autores e os títulos das obras. Creio incompatível com a leitura assim definida a reivindicação do mais prático, do diretamente útil. Devo a esses passeios entre palavras, edições e os autores menores descobertas apaixonantes. A biblioteca para mim é o lugar por excelência do passeio sem destino e da caça proibida. (GOULEMOT, 2001, p. 221).

A situação brasileira não é nada generosa no que se refere aos espaços destinados às bibliotecas escolares. Algumas escolas possuem um bom espaço, outras um espaço adequado, mas há uma maioria que tem apenas um depósito para livros ao qual nomeiam *biblioteca*. Não se pode circular *preguiçosamente* por este espaço! A biblioteca escolar tornou-se um lugar para busca de livros já previamente recomendados pela professora, ou até mesmo um lugar em que se pode encontrar uma mesa livre para fazer um trabalho em grupo.

O tempo para retirada do livro é curto. Flertar com o acervo não é uma experiência de muitos alunos; alguns se enamoram, poucos se casam. É um local ao mesmo tempo sagrado e profano, porque ninguém, além das paredes mudas de uma biblioteca, pode conhecer nossos mais íntimos desejos. Não é nada prático ficar por um quarto de hora olhando para as ilustrações de Gustavo Doré no clássico *O pequeno polegar*, mas é extremamente tocante para a alma que olha, com espanto, as imagens monstruosas de abandono e de medo que não são mais apenas do pequenino polegar, mas também de quem para elas olham. Lapidar a alma por esse caminho dói um pouco; então, busca-se outra estante que tenha um bom conforto para este pedacinho de alma que ficou dolorido. Não é nada prático gastar mais um quarto de hora lendo *Memórias inventadas* de Manuel de Barros para cumprir a tarefa de conjugar o verbo ler em todos os tempos do modo indicativo, subjuntivo e imperativo, mas é saboroso demais saber que *tudo o que não invento é falso*! Ah, e as iluminuras! Mais um quarto de horas só para elas.

Você é do tipo leitor apressado? Já sente vontade de mergulhar fundo no dossiê? Acredite

em meu conselho: você pode fazer seu próprio percurso. Em respeito aos que desejam continuar a leitura desta apresentação, siga escrevendo, porque gostaria de passar mais tantos quartos de horas em transe nesse espaço, a biblioteca.

Quando as mídias digitais serão usadas verdadeiramente a serviço do saber e da criação?

[...] nunca tivemos tanta necessidade de ler e escrever quanto em nossos dias. Não podemos utilizar um computador se não soubermos escrever e ler. E, inclusive, de uma maneira mais complexa do que antigamente, pois integramos novos signos, novas chaves. Nosso alfabeto expandiu-se. É cada vez mais difícil aprender a ler. Empreenderíamos um retorno à oralidade se nossos computadores fossem capazes de transcrever diretamente o que dizemos. Mas isso é outra questão: podemos nos exprimir com clareza sem saber ler nem escrever? (CARRIÈRE, 2010, p. 20).

Esqueci a ordem do alfabeto! Despendi tanto tempo no primeiro ano escolar para recitar repetidas vezes o alfabeto, na ordem exigida pelo dicionário, que, agora com o computador que dispõe as letras em favor da movimentação dos dedos para digitação, abandono o que era antes meu porto seguro. Já não uso mais a ordem do alfabeto nem mesmo para procurar palavras desconhecidas no dicionário, porque uso o teclado para acessar diretamente o verbete desconhecido em meu dicionário digital. A máquina de escrever não alcançou tamanha proporção, porque poucos a utilizavam. Entretanto, nos tempos atuais, os teclados digitais estão por todos os lugares como na tela de um celular ou no caixa eletrônico de um banco.

Você se lembra qual é a função da tecla *F11* ou da tecla *scroll lock* do computador? Porque os caracteres foram ampliados, é preciso saber muito mais que 26 letras para escrever, ler, desenhar, assistir a filmes ou falar pelo computador. Em março de 2013, durante visita realizada a uma escola do ensino fundamental, percebi que as unidades gráficas da escrita continuam sendo somente as 26 letras; que a falsa linearidade imposta pela escrita continua sendo ensinada como verdade; que os computadores do laboratório de informática estampam em suas telas os mesmos exercícios do livro didático. As novas mídias, entretanto, vieram para nos levar para além do já conquistado; é preciso, portanto, usá-las para a criação!

As novas máquinas proporcionam recursos de leitura não possíveis havia 30 anos. Crianças pequenas conseguem derrubar a casa de madeira dos *Três Porquinhos* apenas com um sopro fraco que toca a tela do tablet de sua professora. Devo boa parte da saúde de meus pulmões pelos sopros exagerados que dava ao brincar de lobo mau e três porquinhos! Em minha cabeça de criança, o sopro tinha que ser muito forte para derrubar uma casa inteira de madeira. Penso que não somente meus pulmões sofreram influências desta estranha força imaginativa que a literatura provocou, mas também meu cérebro, que, com um esforço solitário, tinha que visualizar o cheiro, o cenário e a intensidade do sopro de um lobo.

O que menos importa é a ditadura da ordem linear que a construção do texto impõe, porque ao ler um texto sempre transformamos e revolucionamos a ordem impressa e imposta. Na essência, o que acontece na mente do leitor é a contra-revolução do que ocorre nas marcas impressas ou nos pontos de luz da tela do computador ao apresentar um texto. As tecnologias transformam nossa forma de pensar e nossa forma de pensar transforma as tecnologias.

Quando a sociedade tomará nas mãos a responsabilidade de fazer do Brasil um país de leitores?

Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí, a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de tais elementos – que inauguram a vida – como essenciais para o crescimento. Nesse sentido é indispensável a presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância. Todas as atividades que têm a literatura como objetivo central serão promovidas para fazer do país uma sociedade leitora. O apoio de todos que assim compreendem a função literária, a proposição é indispensável. Se é um projeto literário é também uma ação política por sonhar um país mais digno. (QUEIRÓS, 2012, p.88).

Jamais criticaríamos iniciativas governamentais de promoção da leitura e de distribuição de livros, porque sabemos que a leitura é essencial para a evolução do homem e, conseqüentemente, do pensamento psíquico superior. Desde a década de 1980, o governo brasileiro tem investido em projetos como *Programa Nacional do Livro e Leitura (PNLL)*; *Fome de Livro*; *Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)*; *O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)*, entre outros. O fato de possibilitar aos professores e aos alunos o acesso ao livro é um primeiro passo entre muitos que o país tem a dar para concretizar o sonho de uma nação faminta por leitura.

Embora sejam reconhecidos os esforços feitos pela escola ao longo das três últimas décadas para formar leitores, pouco se avançou verdadeiramente, porque a sua formação não é mais de responsabilidade somente da escola, mas também das famílias e das instituições organizadas da sociedade.

Abandono, agora, a apresentação, para deixar que as palavras dos autores assumam o debate.

Adriana Pastorello Buim Arena
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de Uberlândia